

# PRESENÇA



Fundação Cuidar o Futuro

13

Fundação Cuidar o Futuro

MAR. 1956

# presença



PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA J.U.C.F.  
FILIADA NA PAX ROMANA

## SUMÁRIO

Poesia  
Tentação  
A formação social do Adolescente  
Obcecação  
O Profeta — Sinal de Deus  
Caminhos...  
Há-de ser de novo assim...  
Fala-se de cultura  
Vital  
Um grande ideal  
Pax Romana informa...  
O Trabalho — regímen de salariado  
Recorte da Bíblia  
A participação dos leigos nas Missões  
Aqueles que vale a pena ler  
Página de Antologia  
A palavra da Igreja  
Xadrez  
Talvez não saibas que...

### *Oração das donzelas à Virgem Maria*

Fundação Cuidar o Futuro

*Maria,  
Tu choras, — eu sei.  
E eu desejava chorar  
em teu louvor.  
Com a fronte nas pedras  
chorar...*

*As tuas mãos escaldam;  
Se eu pudesse pôr teclas debaixo delas,  
então restava-me ao menos uma canção.*

*Mas a hora morre sem legado...*

R. M. RILKE

# TENTAÇÃO

Apetece-me, às vezes, ser uma outra diferente daquela que sou. Alguém que não precisasse de gastar os olhos sobre as páginas dos livros, ou de sentir angústia e cansaço antes de enegrecer de tinta uma folha branca de papel. Alguém que nada tivesse para dar aos outros. Alguém, principalmente, a quem não pedissem para pensar.

Invejo, então, a frivolidade das burguesinhas que se cruzam comigo na rua, felizes na sua tranquilidade de plantas novas e verdes que aceitam o sol e a chuva, que perdem o tempo alegremente porque têm tempo de sobra para perder.

E revolto-me: Porquê eu?... Porque se dirigem a mim?... Precisamente a mim que tanto desejo sinto de me negar e sou exactamente aquela que não posso dizer «não», porque na minha humildade sei que sou sempre *única*, desde que Deus me quis assim?

Ai, que vontade má de tudo pôr de lado, para ser apenas EU, rainha das minhas horas, senhora da minha preguiça e do meu capricho!

Más as tarefas crescem à minha volta,

alastram até me tocarem os pés que iam levar-me para longe delas. E estou cercada, outra vez. Fico prisioneira, novamente. Enleada na meada dos horários estreitos, na preocupação do estudo a realizar com seriedade, e em todos os outros trabalhos que surgem à esquerda e à direita, *os tais* que não servem o meu egoísmo e de que eu tanto queria que me libertassem.

Depois, mansamente, a crise abranda de violência. E sou eu a primeira a estender os pulsos para que mos algemem. Sou eu mesma que apoio a fronte sobre as mãos para pensar, mais uma vez, em tudo aquilo que o Senhor, pela voz dos outros, me pede que pense.

E dou graças, admirada ainda com a minha docilidade; dou graças pelo facto de ser eu exactamente aquela que sou, e não uma outra diferente. Embora saiba que as forças novas hão-de gastar-se ainda, uma e muitas vezes, quando o círculo de ferro voltar a apertar-se...

Mas nessa hora, não me deixeis cair em tentação...



## *A Formação Social do Adolescente*

Na fase paradoxal da adolescência, em que o jovem oscila tantas vezes entre o desejo imenso de se dar inteiramente ao serviço dos outros e a tentação de se refugiar num peculiar egocentrismo, impõe-se ao educador uma grandiosa tarefa — a da formação social desses jovens que lhe estão confiados. Tal tarefa consiste, por um lado, no desenvolvimento daquelas virtudes que são essenciais para o adolescente na vida de relação com os outros (compreensão, generosidade, disponibilidade, etc.); por outro, na luta acesa contra todas as disposições pessoais que se erguem como obstáculo a esse mesmo desenvolvimento. Convém, porém, desde já, frisar que toda a formação social a proporcionar ao adolescente pressupõe ou deve apoiar-se numa preparação que deve ter tido início na infância. Não esqueçamos que as marcas fundamentais da verdadeira acção social — o amor, o interesse real pelo outro e o desejo veemente de dádiva — para as quais a alma do jovem está especialmente aberta, deverão ter a sua origem em interesses despertados nos primeiros anos de vida.

Não resta dúvida que, neste ponto, cabe a todos os pais, muito especialmente às mães, um papel importantíssimo. Quantas mães terão o cuidado de cultivar, desde bem cedo, na criança essa generosidade, sabendo, para isso, aproveitar todas as oportunidades?...: desde aquela ocasião, em que devia ter ensinado o seu menino a repartir o bolo pelos colegas de brincadeira... àquele outro momento, em que ele se aconhegava feliz ao canto do fogão e lhe devia ter recordado

que lá fora havia frio e outros meninos sem lareira... ou outra vez, ainda, em que devia tê-lo feito ceder o melhor lugar da sala a uma pessoa idosa e apanhar-lhe os óculos do chão... Elementares regras de boa educação — dirão talvez: sim, mas que para além de simples normas de civilidade, são, ou devem ser, expressão de amor pelos outros (ao educador compete, precisamente, dar-lhes esse sentido) e, por isso, essenciais à formação social da criança e, mais tarde, do adolescente.

Em contrapartida, como podemos exigir que o jovem se liberte de todos os comodismos, egoísmos, hábitos de vida fácil — se, desde a infância, não lhe formos dando, pouco a pouco, o gosto por uma ascese equilibrada? Recordamos, aqui, os deslizes de tantos pais que, talvez inconscientemente, levados por um excessivo zelo, cumulam o filho de pieguice: mal o bebé escorrega ou se magoa, exageram a gravidade do incidente e com os seus alarmes e desconsolada solicitude, vão sendo cúmplices num «amollecimento» do espírito infantil, impedindo, assim, a firmeza indispensável à verdadeira integridade de carácter. Não temos dúvida ao afirmar que muita pieguice, muito comodismo que encontramos em certos adolescentes (e provam-no, em especial, certos filhos-únicos), têm as suas raízes nas falhas acima apontadas.

Há, também, certas qualidades, como o espírito de iniciativa, a confiança em si próprio, a audácia nos empreendimentos, o desinteresse pessoal, etc. — penhores de eficácia nas relações do jovem com a sociedade

— que devem ser inculcados desde a infância e, em primeiro lugar, pela família. Como desejar que o adolescente venha a ter decisão, coragem, confiança nas suas possibilidades — se, enquanto criança, se lhe recusam aquelas pequeninas experiências que são o melhor treino, talvez o único, para as suas actividades futuras? Se a criança quer fazer a experiência de transportar uma jarra de uma sala para outra e a mãe a interrompe bruscamente, repreendendo e arrebatando-lhe a jarra, porque «sabe bem» que ela a vai partir... se a criança quer fazer a experiência de pregar um prego, como faz o pai, e este lhe arranca o martelo das mãozitas, dizendo que o pequeno é desajeitado e prega tudo torto... se a avó se debruça sobre o neto e tenta obter dele um beijo, à custa de mil promessas — desde o passeio ao parque, aos melhores doces da dispensa ou, ainda pior, à anulação dum castigo que tem de cumprir... — como querer que amanhã esse jovem não seja tímido, hesitante, desconfiado ou interesseiro? Como desejar que ele, então, sirva a sociedade, decidida, eficaz e generosamente?

De não menor importância para a formação social do adolescente é, também, a regra de respeito pelo que pertence aos outros e que deve ser motivo de muita atenção, da parte do educador, até mesmo nos mais ínfimos pormenores. Quem dirá que aquele gesto de distúrbio, que nos surpreendeu em certo adolescente, não teve a sua origem num passado que não vai longe — talvez há 10 ou 12 anos, quando ele, ainda bebé, não era devidamente corrigido, ao sentir um prazer estranho em desfazer nos seus deditos as flores do jardim, em despedaçar os brinquedos dos amigos de brincadeira ou em salpicar com borrões de tinta o bibe do irmão?

Quem dirá que aquele jovem, capaz dos mais sérios estragos e desrespeito pelo alheio, não poderá desculpar-se com o triste exemplo dos mais velhos que não souberam dar, à criança de outrora, o exemplo que seus olhos mereciam: desde os papéis inúteis que

lançavam despreocupadamente na via pública, às cascas de laranja que deixavam ficar espalhadas no pinhal, no fim dum pic-nic? Pormenores lamentáveis da vida de cada dia..., sem dúvida; mas que marcam, grandemente, a alma infantil e, tantas vezes, lhe roubam o indispensável ao florescimento do jovem na vida social. Sabemos que nem sempre se pode evitar que a criança deixe de presenciar tais factos, mas é sempre possível chamá-la a uma reflexão sobre o que está mal neles e o que deveria ser bem.

Não julguemos, porém, que as responsabilidades cabem exclusivamente à família. Pensemos na Escola.

Não é verdade que ao professor cabe um notável papel na formação social dos seus alunos? Quantas vezes, muitos erros familiares são secundados na turma, pelas atitudes e palavras do professor... Quantas vezes, na instrução primária, frequentemente e até nos anos do liceu, o aluno se levanta antipáticamente para acusar o colega do lado e o professor não actua como deve... Quantas vezes, o aluno usa ilicitamente trabalho dos companheiros de estudo, através da mais variada cabulice, e o professor não reage como deve... Quantas vezes, o professor, por indiferença ou comodismo, fecha os olhos a certas fórmulas de falsa solidariedade, a que as crianças se habituam, e que, mais tarde, pelo menos, podem ter graves consequências! Os exemplos abundam: aquele garoto que na sua classe liceal caiu na tentação de se solidarizar no erro do companheiro — talvez, um objecto quebrado na turma ou uma frase reprovável escrita na parede... — e não foi devidamente corrigido, não nos surpreenderá, se continuar a tomar atitudes idênticas, ou sucessivamente mais graves, e se, um dia, jovem universitário, rotular de «camaradagem» a falsificação duma assinatura na folha de ponto ou o apoio na libertação dum colega, cujos actos levaram à cadeia... E, tudo isto, repetimos, sob o pretexto de «solidariedade»...

Ainda entre os casos que têm por ambiente os limites da escola, não queremos deixar de evocar a fácil transigência, em que, por vezes, se deixam cair até mesmo aqueles jovens a quem foi confiada uma função de chefia, em relação aos colegas. Referimo-nos, por exemplo, aos chefes de turma, no liceu. Quantas vezes, não obstante os seus dons e formação moral, vão cedendo às más solicitações do meio, desacreditando-se, perdendo a sua autoridade e... desculpando a sua fraqueza e cumplicidade com um «Tenho de ser camarada!...».

Perante estes casos, ou outros semelhantes, cumpre-nos a todos — professores que já somos ou viremos a ser — uma atitude vigilante e firme, se queremos contribuir para a formação social da juventude que temos ou teremos entre mãos.

\* \* \*

Tendo presentes todas as bases essenciais que temos vindo sugerindo, através de certos pormenores muito reais da vida infantil, consideremos, agora, alguns aspectos da formação social, durante o próprio período da adolescência.

Cremos que a primeira responsabilidade de educador, em face do adolescente, resulta da já referida capacidade de doação própria da juventude. Se o despertar do coração, no jovem, o leva a vibrar perante tudo e todos que reclamam a sua presença, é também verdade que a sua vontade se afirma em rasgos de generosidade que, ao educador, compete estimular, orientar e desenvolver. Sabemos, porém, que tais disposições pessoais só adquirem o rendimento máximo, quando a disciplina duma organização e as vantagens da vida associativa se fazem sentir. Daqui a conveniência, em certo sentido, até, necessidade, de o jovem se filiar em determinados grupos que garantam, à sua acção, a estabilidade e eficácia que requer.

Não é por mero capricho que tanto se fala da integração do adolescente em associações que se propõem realizar altos fins

formativos; é nelas, de facto, que reside o melhor treino para a sua futura vida em sociedade. Será quase escusado exemplificar: entre nós é, sobejamente, conhecida a acção formativa dos sectores pré-juvenis e juvenis da Acção Católica, da Mocidade Portuguesa, do Escutismo, etc.

Não queremos, contudo, deixar de nos referirmos a um ponto que achamos de importância capital e que diz respeito à colaboração que a família pode prestar a essas obras que se propõem contribuir para a formação dos jovens.

Por um lado, teremos de considerar o contributo que os pais podem e devem dar, com o seu exemplo, para que os filhos encontrem nele um estímulo para a sua própria acção. Àqueles que não encontram nos pais senão um testemunho de egoísmo ou de mero «activismo», falta-lhes um dos mais poderosos meios da sua formação social. Prova-o bem, este lamento angustioso dum adolescente: «Como posso eu respeitá-los, admirá-los, acreditar neles, se vejo admitirem tanta coisa mal, aceitarem tanta injustiça? É revoltante, o seu egoísmo, o seu comodismo! Eu não quero ser assim...»

Por outro lado, queremos salientar que exemplo só, não basta: importa que seja facultada ao jovem a possibilidade de seguir esse exemplo e de o ultrapassar. Conhecemos bem os casos de certas famílias, em que os pais se dedicam generosamente ao serviço dos outros e recusam aos filhos, adolescentes ou ainda, pelo menos, sob a sua autoridade, a parcela mínima de liberdade que torna possível a sua consagração ao serviço da comunidade, de que são membros. Que pais, para quem o bem dos outros pouco conta, tomem tais atitudes, ainda compreendemos, embora tenhamos de admitir que nada os justifica. Todavia, quando o caso se passa com pais católicos, que vivem o compromisso de uma inteira doação apostólica, somos levados a pôr em dúvida, se o seu egoísmo, em relação aos filhos, não estará a sobrepor-se, talvez sem que disso se apercebam, à consciência ní-

tida de que seus filhos são, também, Igreja, membros do mesmo Corpo Místico, a que eles próprios pertencem; portanto, canais da mesma Graça que a eles e aos outros desce, em cada momento...

Ao reclamar essa liberdade familiar para a acção do adolescente, não podemos deixar de lembrar a este a responsabilidade que tem no uso dessa mesma liberdade e, aos pais, o dever de vigilância, em relação à acção dos filhos. Não esqueçamos que o adolescente, por falta de suficiente maturidade, ou por defeito (desobediência, preguiça, etc.), cobre, às vezes, com o pretexto de acção apostólica ou social, o que não passa de uma fuga aos mais elementares deveres de estado ou para com a família. Interessa, pois, que, dentro do grupo associativo, em que ele trabalha, tenha sempre presente esses deveres e que os pais, nas suas concessões, para com os filhos, nunca percam, também, de vista os mesmos deveres.

De qualquer modo, importa que enquanto se dá, ao adolescente, uma liberdade vigiada, a nossa atitude de prudência nunca signifique um entrave ou limite à grande amplitude do seu desejo de dádiva. E façamo-lo sem os mais subtis indícios «calculistas»: quantas vezes, por palavras ou por obras, certos educadores, até mesmo muito bem intencionados, sugerem ao jovem que «faça aos outros o que ele gostaria que a si próprio lhe fizessem...» Ora, a autêntica formação social não se reduz a esta norma — antes, se exprime, em «dar e darmos-nos, consoante o que cada um precisa».

Não julguemos, porém, como algumas vezes sucede, que, num extremo oposto, se encontre a verdade, pensando que os interesses pessoais são incompatíveis com o bem da comunidade. «O meu bem não é necessariamente o mal dos outros» — verdade que importa dar ao adolescente, na noção de que o seu próprio interesse é solidário dos interesses de todos, uma vez que um justo critério e uma generosa intenção presidam à aquisição e à defesa desse bem individual.

Abordamos, ainda, mais duas qualidades

que julgamos essenciais à formação social do adolescente: referimo-nos ao espírito de compreensão e à imparcialidade. Recordemos que o jovem, sempre tão ávido de crítica e na posse de tão florescente dialéctica, como é a própria da sua idade, não raras vezes, falha na compreensão dos outros e na justiça das suas observações — ele que, frequentemente, se julga «incompreendido» e se revolta contra as «injustiças»... Ao educador, compete, neste sentido, uma orientação segura e um exemplo edificante. Que autoridade poderão exercer aqueles que, perante o adolescente, mantêm conversas, críticas, atitudes, etc., onde se espelha a mais clara incompreensão? Que influência benéfica poderão exercer, no espírito dos jovens, aqueles educadores que não sabem reconhecer o justo valor dos factos, através duma análise clara e imparcial?

Não queremos ainda, terminar estas considerações, sem aludirmos à enorme importância que a formação social tem, num outro aspecto da vida moral do adolescente — à Pureza. Abundantes são os casos, em que as actividades sociais, devidamente orientadas, em ordem a um ideal sobrenatural, constituem um forte estímulo, para que o jovem mantenha bem desperto o desejo de pureza, que deve nortear a sua vida, tantas vezes rodeada de grandes perigos e tentações. Em contrapartida, não ignoramos quantas falhas nas relações entre os próprios adolescentes (relações de camaradagem, amizade, amor...), têm a sua origem, numa formação deficiente, sob o ponto de vista social.

Que estes apontamentos nos conduzam a uma séria meditação dos nossos intransmissíveis deveres de educadores, na formação social das crianças ou adolescentes, com quem convivemos. E não tenhamos as exigências da acção; não tenhamos, sobretudo, a dureza desta missão nobre que é nossa, se não queremos, correr o risco de, um dia, pronunciarmos um contrito «mea culpa»...

Maria Joana Mota Emiliano



## Obcecação



*Um menino roto, de cara suja e olhar inexpressivo segue os meus passos.*

*O seu olhar inexpressivo fita-me e fita o mundo, tudo com a mesma indiferença, como quem já está cansado de viver. Não compreende. Não compreende nada do mundo que o rodeia e não pretende mesmo compreender. Não compreende, por que nasceu nem por que vive. Não compreende, por que eu estou bem vestida e ele roto e descalço. Não compreende que vida poderá haver para além dessas inúmeras portas inabalavelmente fechadas para ele. A sua vida é na rua, nos becos, nos portais, na barraca fétida, onde os corpos se estendem e se tocam animalescamente.*

*O seu corpo mirrado conta dos frios, das fomes que tem passado, das pancadas que tem apanhado; conta da imundície em que vive e — quem sabe? — talvez conte coisas piores ainda.*

*O seu olhar inexpressivo é como o dum burro atrelado a uma carroça, puxando sem saber porquê, nem para quê, nem para onde. Ele próprio pouco mais é do que um burro. Não sabe ler nem escrever, nunca ouviu falar de Deus, as suas aspirações resumem-se à satisfação das suas limitadas necessidades físicas e fisiológicas. E, no entanto, é um ser humano. Aparentemente, só uma coisa ele sabe: que tem fome e não tem que comer.*

*Mas ele sabe muito. Sabe todos os mistérios da vida e da morte. Os seus olhos inexpressivos viram os irmãos serem concebidos e nascer como viram os avós morrer. Ele sabe, sabe muito. Conhece todos os segredos da degradação e do vício. Ele sabe, sabe muito. Sabe; mas não compreende nem quer compreender.*

*O seu olhar não traduz surpresa, nem dor, nem revolta, nem ódio. Nada, absolutamente nada. Mas o mundo, que está para além desse nada, apavora-me, porque, nele eu adivinho, em potência, todos os crimes, todas as baixezas, todas as degradações, todo o ódio, de que o homem é capaz, quando na condição de um animal.*

*E esse menino de olhar inexpressivo segue-me por toda a parte, vejo-o em cada rosto. Encontro-o a cada esquina. O seu olhar inexpressivo segue-me, sempre. Torna-se um tormento, uma obcecação, como que um castigo. Porque, no olhar inexpressivo desse menino, eu leio a afirmação, de que nem ele próprio tem consciência:*

*— Sou teu irmão.*

Maria Antónia Trigo de Sousa

# O Profeta-Sinal de Deus

Ao longo da rota, acidentada e dolorosa de Israel, uma voz se levanta como pregação da eternidade — é a do Profeta.

Situado no tempo e fora do tempo, perto e longe, manteve acesa a chama da promessa e a consciência da escolha.

Sem o Profeta, o povo ter-se-ia esquecido da aliança e seria proscrito para sempre.

Tal, porém, não aconteceu. Quando a idolatria reinava e os sentidos se rendiam atrás de aparências que tinham, ao menos, o mérito de ser tangíveis, vozes se ergueram a cantar a loucura dum Deus, dum Deus Espírito Puro.

Um Deus Criador, ausente e presente, fora do tempo mas perto pelo Amor.

Um Deus que se comunicava, que se dirigia, que renovava com os homens um pacto de paz.

Um Deus que escolhia e confiava a alguns a Sua mensagem. Por isso, o Profeta, antes de ser vidente, alguém que abre aos homens, seus irmãos, o jardim oculto do futuro, é um «chamado».

Chamado, vocado, comprometido com Deus, na extensão do seu reino e na transmissão da Sua Mensagem.

É Deus quem o instituiu, quem o compromete, quem o escolhe.

Por isso, o Profetismo antes de ser um fenómeno histórico, é uma instituição divina.

O Profeta é o vidente, o pastor, o servo de Deus, o guardião. Alguém que, na circunstância, lembra a essência; alguém que é

chamado para ensinar, aos homens, o sentido do futuro. Por isso, se ligam, Profetismo e Messianismo.

É em função do Messias que o Profeta se prospectiva e situa. Por isso, ele é, também, um paradoxo vivo.

Filho da sua raça e do seu tempo, atraído e acorrentado pela voz do sangue, teve, no entanto, de se evadir e projectar para encontrar, no futuro, o sentido da sua vida. Por isso, foi muitas vezes, um rejeitado e um solitário.

Entretanto, porém, o que mais importa marcar neste fenómeno do Profetismo, é o seu carácter de *missão*.

Enquanto arauto da Verdade, enquanto pregoeiro da mensagem, o Profeta é um enviado.

Jubilosa ou ameaçadora, serena ou terrível, a sua voz ecoa como expressão dum mandado.

Deus comunica-se a um eleito, para que ele O anuncie e mantenha viva a grande esperança.

E o Profeta é o homem que se evade, que se aparta da multidão e sobe à montanha, para, em silêncio, escutar Deus.

E o povo é aquele que o escuta, entre o temor e o amor.

## 1 — Quantos foram os Profetas?

A Tradição distingue 17: Os chamados Profetas Maiores — Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel; e os Profetas Menores —



Oseias, Amos, Miqueias, Naum, Abdias, Baruc, Sofenias, Habacuc, Zacarias, Ageu, Joel, Jonas e Malaquias.

Profundamente inseridos no climá do seu tempo, todos estes Profetas passaram a vida a comparar o código da lei de Jahweh com a prática corrente.

Por isso, ficaram na História como eminentes homens de acção, como fomentadores de reformas sociais e religiosas.

E trazendo, embora, o cunho da sua personalidade, a obra dos Profetas não deixa de se poder unificar, porque, uniformemente, a vitaliza o mesmo sopro — tornar presente Jahweh.

## 2 — O livro de Isaías

Vejamos, agora, alguma coisa da obra de Isaías.

Profundamente virado ao futuro, é este um dos profetas que mais apaixonadamente anuncia o Messias, um Messias concebido como um rei davídico, rei que libertará o povo da opressão estrangeira.

De resto, não se inscrevia esta concepção na circunstancialidade histórica? Não estava, o povo, ainda marcado pelo cativoiro de Babilónia?

Os exilados que regressam, trazem consigo a semente dum novo mundo, um mundo restaurado e revivificado no sofrimento e na dor.

Israel será regenerado pelo sangue e libertado pela morte.

Não será, este, o mais claro prenúncio, de Cristo Redentor?

Portanto, transpondo planos e definindo campos. Isaías acaba por figurar o verdadeiro perfil do Messias. O espiritual vence e transcende o material.

E é, à largura do mundo, que a redenção se estende. O povo escolhido abre os braços a todos os povos e espera, com eles, a grande vinda!

Tal o principal sentido do Livro de Isaías.

## 3 — Um texto, entre muitos

### A VINHA ESTÉRIL

Quero cantar o cântico do meu bem amado,

O cântico do meu bem amado

Sobre a vinha.

O meu amigo tinha uma vinha

Sobre uma encosta fértil.

Ele cavou-a e tirou-lhe as pedras.

E plantou nela cepas de escolha.

Construiu uma torre no meio

E montou, também, um lagar.

Esperava que desse uvas maduras.

Mas ela só deu uvas verdes.

Ouvi, pois, habitantes de Jerusalém

E homens de Judá!

Julgai entre mim e a minha vinha!

Que há, ainda, a fazer por ela

Que eu não tenha feito?

Pois eu vos direi, o que vou fazer.

Farei dela um terreno inculto

E não será mais cavada nem arroteada.

Só haverá, espinhos e cardos.

Hei-de ordenar às nuvens

Que não chovam mais sobre ela.

Porque a vinha do Senhor dos exércitos

É a Casa de Israel;

E os homens de Judá

São a plantação das suas delícias.

Ele esperava dela fidelidade,

Mas encontrou sangue;

E, em vez da justiça,

Só ouviu gritos de angústia...

Este e outros maravilhosos textos virão a ser estudados em número próximo, querendo Deus.

Quais no seu conjunto, *os temas de Isaías e qual o seu significado?* Eis o que mais interessa.

Por hoje, aqui ficam estas escassas notas a situar, em geral, o problema do Profetismo e a revelar o mistério do Profeta, o grande incompreendido, aquele que foi sinal de Deus, para Israel e para nós.

Maria Luisa Guerra

# Caminhos...

Em cada momento da vida o homem tem de dar um passo em frente. Tem de definir-se. E por isso escolhe um caminho. Perante as encruzilhadas da vida, sabe que tem de se decidir. E não decidir é também escolher — mas escolher ser tomado, preso pelos acontecimentos, sujeito a um fatalismo que só a própria apatia provocou.

A escolha oferece-se e impõe-se em cada instante. Em relação aos pequenos factos da vida já a realizamos quase automaticamente porque em nós há um clima que nos encaminha para o que é melhor ou, pelo menos para aquilo que a razão nos habituou a considerar como natural. Mas, outras vezes, essa escolha torna-se difícil, porque os caminhos se nos afiguram igualmente bons. Hesitamos, então; reflectimos, procuramos a opinião da família, dos amigos, para que nos ajudem a resolver o que for melhor. E sempre (a não ser em casos muito excepcionais) a escolha nos faz sofrer. Porque sempre temos de dizer *não* a uma coisa boa. Tomamos, então, consciência dos nossos limites que não nos permitem *ser tudo* — e, antes do mais, revolta-se o nosso orgulho que nos faz desejar ser senhores do mundo: tudo conhecer, tudo possuir, tudo ser.

E para além do orgulho, debate-se, muitas vezes, o nosso coração: aqui prende-me a família onde nasci, que eu amo e que me ama; além prende-me a família que eu vou fundar, onde eu amo e sou amada.

A indecisão, a quase angústia da escolha tornam-se tanto mais intensas quanto mais decisivo é, na nossa vida, o objecto da decisão. E é a certeza de que é preciso renunciar a muito de bom e legítimo e certo, e é o desejo veemente de encontrarmos o *nosso* caminho, e é a aspiração profundíssima de

realizarmos o que sentimos viver em nós — é tudo isso que torna a descoberta da vocação a maior aventura da nossa vida.

## MAS... QUE É A VOCAÇÃO?

É fácil dizer que vocação é chamamento. E é tremendamente fácil passar a vida à espera dum chamamento que nunca chega. As «vozes» que nos hão-de levar pela mão não são as «vozes» definidas e claras que falaram a Joana. São um concerto descontraído e estranho de tudo o que somos e de tudo o que nos rodeia. Talvez que no meio desse ruído todo, se faça de repente o grande silêncio. E fale a Voz. Mas talvez, também, — e no caso geral assim é — seja preciso distinguir, no concerto das vozes, o «tema» dominante, a ideia, o caminho.

\* \* \*

Parece claro que Deus quer para cada um de nós um destino próprio. E quere-o porque *pensou* cada homem.

Cada um realizará melhor a sua vocação na medida em que for mais verdadeiramente ele mesmo. Cada homem tem uma personalidade a desenvolver, um dom de liberdade a cultivar. A máxima liberdade identifica-se com a plena realização da personalidade. *Sou tanto mais livre quanto mais a minha vontade construir em mim o que quer a vontade de Deus.* Portanto, a primeira tarefa de cada homem como tal é desenvolver rectamente a sua personalidade para estar apto a «ouvir» Deus. Ouvi-Lo é compreender, no momento preciso, o sentido profundo da nossa vida, não por sinal directo, mas



quantas vezes, através do caminho duro da nossa própria experiência. Temos, muitas vezes, de ser purificados pelo sofrimento para O ouvirmos.

Sendo a vocação a plena realização do homem, Deus dá-lhe todos os elementos necessários para que a realize. Indispensável é, porém, que o homem os aproveite, os faça render — os torne profundamente seus. Seus, no modo de os assimilar; seus, pelo interesse posto na sua descoberta e na sua vivência.

Isto significa que o pensamento de Deus a nosso respeito é, de certo modo, função da «resposta» que tivermos dado a cada instante. (É claro que é impossível compreendermos como Deus «vê» a nossa vocação, pois, enquanto para nós tudo se sucede no tempo, para Ele tudo é presente na eternidade). Pode, então, dizer-se, em certa maneira, que se *merece* a vocação. Porque se merece compreendê-la, encontrá-la, descobri-la.

Quando nos afastamos da linha do nosso destino existencial, dificultamos humanamente o encontro com o pensamento de Deus a nosso respeito. E no momento preciso não saberemos compreender, não escolher. Então, serão verdadeiras para nós as palavras de Isaías: «E um livro será dado a quem sabe ler e ele dirá:—Não posso ler».

Para nos mostrar a Sua vontade, Deus serve-se de muitas indicações: as nossas aptidões pessoais, os nossos gostos, a nossa saúde, a família onde nascemos, a época em que vivemos, as múltiplas e variadas circunstâncias da nossa vida. Como se manifestam, como intervêm essas condições no «processus» da nossa vocação?

Determinando-nos *a nós*. Não somos só o que queremos ser, o que imaginamos ser. Somos, também, aquilo que as condições nos levam a ser. Poderá, acaso, dizer-se que o meu *eu* seria exactamente o mesmo se eu tivesse nascido, por exemplo, numa família de camponeses da Baviera? Ou se, em vez de ter lido os livros que li, eu me tivesse dedicado só à leitura de livros de História, por exemplo? Ou se eu não tivesse

encontrado, em certo momento, tal pessoa amiga? Seria eu a mesma, seria?

E, se muitos destes factores intervêm no nosso rumo numa forma difusa, formando-nos lentamente sob a sua influência, certo é, também, que outros podem intervir por acção consciente e reflectida na nossa vontade. É o que acontece, por exemplo, quando, numa época de guerra, mulheres que, em outras condições, escolheriam outro rumo, se fazem enfermeiras. A necessidade do meio ajudou a definir-se um caminho. Será legítimo dizer que a vocação não era aquela? Não, porque, *naquelas circunstâncias*, só aquele caminho dava a plena medida da realização pessoal. Gostos, aptidões, tudo teve de ser superado por valores que transcendiam a própria pessoa. E, nessa mesma atitude, estava (sem que conscientemente talvez o soubesse) um elemento fundamental da realização plena. Iremos até ao ponto de dizermos que o homem deve aniquilar todos os seus gostos? No caso geral e na ordem prática, não, (embora haja casos em que Deus pede isso mesmo, sem rodeios).

Mas, como atitude de espírito, como disponibilidade, é, por certo, indispensável para o homem encontrar o Caminho: «quem quer ser Meu discípulo, *renuncie a si mesmo*, tome a sua cruz e siga-Me». Note-se, porém, que tal aniquilamento só é possível e *humano*, quando tiver objectivo bem definido: «ser Seu discípulo».

Quando se manifesta a vocação? A seu tempo. Se é necessária alguma coisa ao aperfeiçoamento próprio, ela virá no momento em que é necessária. Há um momento para conhecer, para saber. Será esse momento instantâneo? Raramente o é. Raramente nos é dado ver, num relâmpago, o caminho a seguir. Normalmente vamos sendo preparados para a descoberta ao longo de todos os momentos. Até que, um dia, nos damos conta de que a nossa vocação é *aquela* e não pode ser outra.

Mas esta descoberta supõe que procuramos interpretar o que nos acontece, a nossa própria vida — supõe, também, que inter-

pretemos os sinais de Deus. E que somos fiéis à Graça — que a aceitamos e a fazemos frutificar, em todos os instantes.

Então, no momento preciso, a luz virá. *Vigiai e orai porque não sabeis o dia nem a hora.*

À medida que a personalidade se afirma e se constrói, na busca contínua da unidade interior, alarga-se a projecção de cada resolução. De todas as interrogações vocacionais, uma excede em acuidade, em dimensões psicológicas, todas as outras. É a pergunta que começa por fazer-se descuidadamente, envolta em mil fantasias, onde avultam príncipes encantados e histórias maravilhosas, torna-se a pouco e pouco mais forte, mais intensa, até que, em plena juventude, atinge todo o campo da consciência. Sentimos, mais ou menos claramente, que a resposta à pergunta dará uma orientação especial e totalmente diferente à nossa vida. Porquê, este carácter absorvente da interrogação que todo o nosso ser formula? É que na resposta se joga todo o mistério da nossa existência humana. E, nela, se equacionam e ganham forma nova todos os elementos da alma e da vida. Diante de nós abrem-se os dois caminhos:

#### CASAMENTO?... CELIBATO?...

Habitualmente, as interrogações que nos agitam dizem respeito a relações de acontecimentos, factos ou coisas. Mas, a certa altura, há um salto brusco, um salto infinito. A restabelecer a homogeneidade da equação vital (como diria Corção), entra, na totalidade, uma pessoa — e quer se trate dum ser humano ou duma Pessoa Divina, ela pesa com uma força inusitada na resolução a tomar.

Então, o homem tem de vincular-se a Outro. É tão forte o seu desejo de amor, tão profunda e íntima a região donde brota a sua entrega, que, para se realizar plenamente, não mais pode libertar-se pela vida fora daquele a que se vai prender.

Todo o seu ser, formado através de lon-

gos e vários rumos, anseia por se completar. O homem sente que, para ser completo, tem de dar-se. A sua vida é, assim, uma preparação do encontro e da dádiva.

Encontro e dádiva que atingem a zona mais profunda da personalidade e envolvem, uma atitude bem definida, em relação a essa zona. (Mais ou menos nitidamente, o homem sente que «descobrir essa zona, é revelar a nossa vida mais escondida, é iniciar alguém no mistério da nosso ser».)

O homem sente, quando comunica com os outros, todo o peso desse mistério: aquilo que os outros não conseguem entender nele; aquilo que dos outros é sempre para ele inacessível. A palavra e os gestos são impotentes para traduzirem o que o homem traz dentro de si. Por isso, ele aspira a uma revelação total, a um encontro perfeito.

O mistério do ser situa-se na união das realidades sensíveis e das realidades espirituais. As coisas sensíveis têm um papel essencial na revelação do mistério profundo de cada um. Tão grande que, se a revelação é feita a outro ser humano, se converte na maior união que é possível na terra. Tão profunda que o Apóstolo a compara à união de Cristo com a Sua Igreja.

Se nos é natural, então, essa aspiração à complementaridade e se essa união é a maior sobre a terra, por que não seguimos todos esse caminho? Porque intervêm, aqui, outros valores. Há uma Revelação na história do homem. E o homem não pode construir a sua vida ignorando-a — como não pode saltar duma janela, ignorando a lei da gravidade.

Antes do pecado original, todo o homem era chamado ao casamento. Pois aí ele encontrava a plenitude humana e ao mesmo tempo a doação total a Deus, segundo a ordem e a harmonia estabelecidas. Após a queda, o casamento (como tudo o que é vida do homem) é resgatado por Cristo e passa novamente a ser ordenado para a salvação do homem. Mas, como que a salvaguardar-lhe a autenticidade e o sentido úl-

(Continua na pág. 17)

# Há-de ser de novo assim...

«Olhe, olhe minha senhora, lá no fundo é a Colónia», informou-me uma garota de olhos escuros. E a sua voz perdeu-se no meio de um coro que crescia mais e mais, onde se misturavam os gritos de alegria anunciadores do termo da jornada e as exortações aos «chauffeurs»: «Anda lá «choferi; anda lá prá frente; dá mais um avanço prá animar a gente». Olhei, e tive a primeira visão da Colónia, edifício acachapado entre colinas cobertas de pinheiros, de frente voltada ao mar. Era ali que iríamos viver vinte dias; era, portanto, ali o nosso lar e daquelas centenas de crianças, a quem pretendíamos proporcionar não apenas o ensejo de gozarem os privilégios de uma época de férias à beira-mar, mas também o de contactar com alguém que procuraria dar-lhes tudo o que o tempo permitisse: infundir-lhes noções que seria bom ficassem com elas para sempre; auscultar-lhes problemas que urge conhecer para solucionar.

O primeiro dia foi bastante trabalhoso. Era necessário organizar as equipas, procurar os elementos respectivos, levá-los até ao vestiário onde trocariam os seus fatos pelos da colónia, manter a ordem, organizar jogos, escrever postais para as famílias das crianças, encontrar os objectos perdidos, sossegar os que se tinham separado dos irmãos, primos ou amigos e, sobretudo, manter as equipas unidas, depois de formadas. Quando a noite chegou e cada um se encontrou deitado na sua cama, fomos até ao salão, casa enorme e nua, onde a um canto, em volta de uma pequena mesa à luz dum lampião de petróleo, efectuámos a nossa primeira reunião da noite. Reuniões deste género, repetiram-se em cada dia de colónia.

Talvez, até então, nunca tivesse sentido, todo o valor e significado do estar integrada numa equipa, a força que dá a cada membro o ter atrás de si um corpo forte e cheio

de vitalidade que o apoia, que partilha com ele os bons e os maus momentos que numa união intensa faz a oferta de cada instante de vida a Deus.

Creio que foi a consciência do valor da posição de cada uma dentro da equipa que nos manteve fiéis no lugar que nos fora destinado pela certeza de que a falha, individual ia enfraquecer a eficácia da acção do todo. Um outro elemento teve ainda influência preponderante na actuação e união de todas as monitoras — o espírito de obediência. Qualquer resolução tomada pela chefe era sempre o resultado de uma consulta prévia feita a cada uma e exprimia o pensar da maioria; mas, logo que o assunto passava do plano da discussão para o da efectivação, só podia ser uma, a atitude da monitora — cumprir. É saber cumprir com um sorriso nos lábios e uma alma aberta, receptiva, atenta ao que se passava, dentro de cada um daqueles seres que pulavam à sua volta, corriam, subiam aos pinheiros e queriam enfiar-se pelo mar. Saber manter a disciplina, o que é fundamental para o bom andamento de uma grande comunidade, mas não ignorar ou violentar a personalidade de cada indivíduo, saber rir com uma boa graça e saber ficar séria e firme, quando necessário.

Toda esta ciência, no entanto, não se adquire só em livros (embora noções de psicologia e pedagogia ajudem muito) mas principalmente na vivência destes problemas vinte e quatro horas por dia (os garotos, à noite, também, às vezes, chamam). É por isso que um estágio na colónia nos dá uma visão objectiva da problemática educacional e nos obriga a enfrentar situações, resolvê-las. É o melhor treino para preparar-nos para a vida, duma maneira prática e eficiente.

Uma das coisas que aprendemos é que

nunca se sabe exactamente que reacção vai provocar num grupo ou num indivíduo determinado facto ou atitude. Recordo-me que no dia em que expliquei ao meu grupo que se chamava a equipa das rochas e que, no grande cartaz colado ao fundo do dormitório, colocaria todos os dias, em cada rocha, uma bandeira branca ou preta consoante se portassem bem ou mal, o Carlos, cinco anos traquiníssimos, declarou: «Eu cá não quero essas bandeiras». «Porquê?» «Quero uma bandeira azul, porque eu cá sou do Belenenses.» Para exemplificar um fenómeno colectivo, contarei o que se passou uma tarde no pinhal, perto da colónia. Fora para ali com os meus dezassete gaiatos, todos de idades compreendidas entre os cinco e os sete anos, e sentei-me, deixando-lhes a liberdade de escolherem a brincadeira que mais os interessasse. Vulgarmente, dispersavam em pequenos grupos por uma zona acessível pela minha vigilância e era um tronco de árvore caído que se encontrava a uns escassos dois metros, que costumava servir de burro, avião, carroça ou camião, conforme as circunstâncias, sendo os lugares nas raízes e nos ramos sempre ardorosamente disputados. Naquela tarde, porém, fizeram círculo à minha volta e ficavam a ver histórias de quadrinhos, falando em voz baixa num sossego absolutamente anormal. «Talvez estejam cansados por terem ido à praia», pensei. Mas, à medida que a tarde ia caindo, percebi que havia mesmo alguma coisa de estranho. Um deles interrompeu a conversa e perguntou: «A Senhora não tem medo?» «Medo de quê?» «De estarmos aqui sòzinhos; podem andar ladrões no pinhal.» Na realidade, naquela tarde todas as equipas tinham ido dar passeios mais longos e só nós ali nos encontrávamos. Tranquilizei-os dizendo que não havia ladrões no pinhal, que da colónia nos ouviam e que nem eu nem eles estávamos sòzinhos, pois eu tinha-os a eles e eles a mim.

Confiantes debandaram alegremente para gastarem as energias poupadas e, então, fui eu a sentir a solidão do pinhal.

Um tropel de imagens passa diante dos meus olhos revivendo os momentos inesquecíveis da vida na colónia.

Que quadros fixar? Que instantes serão mais significativos e dirão mais do que realmente ali se fez, do que é necessário ali fazer? Contar da energia que é precisa para conseguir que se portem decentemente à mesa e aprendam que os garfos servem para espetar na comida e não nos parceiros do lado, ou as conversas em particular de que dependerá, quem sabe, a vida futura dessas crianças? Fixar os momentos de alegria esfuizante que acompanhavam as exhibições dos filmes, a tarde da récita representada e vivida por todos, os desafios de futebol com os gaiatos do Padre Américo ou fazer sentir o ambiente da Missa de Domingo e a Festa Religiosa da última semana?

Pessoalmente, quais dos momentos vividos foram os mais intensos?

Talvez aquela manhã, em que perguntei ao João Carlos, porque queria ter a sua mão na minha e ele me disse: «A minha mãe não está cá»...

Ou a Missa muito cedo, em que comungava para poder dar Deus aos meus garotos, durante todo o dia.

Ou ainda, a última noite, em que, com lampeões, nos dirigíamos à velha capela de S. Julião e, no silêncio, apenas quebrado pelo ruído das ondas que se despedaçavam lá em baixo, nos rochedos, rezámos as orações da noite, meditámos e, pela última vez, na Ericeira, fiz o meu exame de consciência ao rever tudo o que tinha feito e o muito mais que deixara de fazer, prometi que voltaria para o ano, se Deus assim o quisesse para que, passada já a fase de adaptação, rendesse mais e melhor.

Como última imagem, recordo, no regresso, o dar das mãos no pátio fracamente iluminado e o entoar baixinho (enquanto os garotos dormiam) do «É só até mais ver...», aquele momento em que, pela primeira vez, comecei a sentir saudades da colónia.

Aura Maria Pacheco



# Fala-se de Cultura...



1. — Que as palavras se gastam com o tempo é ensinamento que podemos colher da simples observação da realidade. «Mística», «espírito de pobreza», «vida de equipa» e muitas outras são expressões empobrecidas pelo mau uso que delas se tem feito.

O mesmo se verifica em relação à Cultura; também este termo se encontra corrompido pelo seu emprego indevido. Será essa a afirmação básica destas notas e, já que falámos no objectivo a prosseguir, com o presente artigo, precisemo-lo, dizendo do nosso desejo de contribuir com algumas sugestões para a reabilitação do termo que o mesmo é dizer para que existam autênticas pessoas cultas.

2. — Desde o liceu que os ouvidos se vão enchendo de afirmações como estas: «é próprio do homem superior amar a Cultura»; «todo o estudante deve procurar ser culto»; e outras semelhantes. Ao estudante liceal, a cultura aparece, sempre, como um ideal a atingir, uma aquisição a fazer. Na Universidade, tão pouco esta ideia se desfaz, antes se radica com maior firmeza. Não é que a Universidade se pronuncie sobre a formação cultural do universitário; o silêncio, que sobre o assunto deixar cair, é já, por si, uma posição assumida, se o quisermos interpretar. Como dizíamos, na Universidade mais se acentua a ideia de que a Cultura se deve possuir e que, para tanto, importa adquiri-la.

São, nesse sentido, os conselhos que frequentemente se dão aos caloiros; as iniciativas académicas para proporcionarem cultura, as campanhas em favor das bibliotecas, etc., etc. Sempre a mesma ideia dominante — proporcionar cultura, *facilitar a sua aquisição*.

3. — De toda esta «emaranhada rede cul-

tural», que pretende captar o universitário e fazer dele uma personalidade culta, resultam vários tipos de universitários, definidos pela posição que tomam em face da Cultura: Distinguímos três grupos:

- os que se afastam de toda e qualquer preocupação cultural;
- os que aspiram à cultura, falam da sua necessidade para a valorização do homem e se consideram cultos;
- os que são, realmente, cultos.

Na classificação feita, está implícito, como é óbvio, um conceito de Cultura, de cuja precisão resultará nobilitado o mesmo tema.

Vamos basear-nos, a seguir, nas conclusões do IV Encontro Nacional da JUC e da JUCF, realizado, em Dezembro passado, no Porto; aliás, elas foram, por sua vez, desenvolvidas nas afirmações do último Congresso Mundial de Fax Romana, em correspondência com a evolução do conceito verificado no mundo inteiro.

Há várias ideias ligadas à definição do conceito de cultura. A nós, neste momento, interessa-nos destacar uma que, mais directamente, se prende ao tema do artigo — *A Cultura é uma atitude de vida*.

Pressupõe uma inteligência bem formada no conhecimento da realidade no interesse pelo aprofundamento do saber, pela capacidade de crítica e hierarquização de valores. A Cultura reflecte-se, no quotidiano, pelo modo como se captam as ideias e os factos, pelos juízos que se emitem, pelas preferências que se tomam. A Cultura autêntica impregna a vida inteira.

Se me vêm dizer que F... é culto, porque conhece os livros mais recentes, as músicas, as criações artísticas, conhece os governos políticos dos vários estados ou os regimens políticos da França, não o poderei

aceitar, ainda que prove serem válidos todos estes índices. Mais importante seria conhecer o teor das suas aspirações, acompanhar o género das suas conversas habituais, apreciar os juízos que faz acerca dos programas da rádio, auscultar as suas preferências quanto à utilização dos tempos livres<sup>1</sup>.

Consideramos estes índices mais importantes que os primeiros, precisamente, porque a medida da cultura se não faz através de elementos exteriores a uma personalidade, mas da própria personalidade, enriquecida e transformada pela Cultura.

Gostaríamos que esta ideia ficasse bem destacada e assimilada, e servisse de aferidor, por onde cada uma avaliasse o seu grau de cultura. É que, com efeito, todas nós conhecemos raparigas que são consideradas ou a si mesmo se consideram cultas. Todavia, são essas mesmas que habitualmente gastam o tempo passeando pela Baixa, que não perdem uma passagem de modelos, que se tentam com qualquer «bugiganga», que fecham a telefonia, quando chega ao noticiário do estrangeiro, que estudam, decorando os apontamentos, que a conversar não ultrapassam o nível das preocupações do dia a dia, etc., etc.

E não digam que exagero — este é, com algumas variantes, o tipo mais frequente da universitária (e do universitário, nos índices que se lhes aplicam)<sup>2</sup>.

4. — Começamos por dizer que se «fala

<sup>1</sup> A este respeito, escapa-nos o desabafo acerca da maneira como se passam os «tempos livres» nos lares. Reunindo, estes, as condições óptimas para um ambiente cultural, é confrangedor que se esteja a perder uma oportunidade magnífica de valorização de tantas raparigas universitárias.

<sup>2</sup> Do que dizemos, não queremos inferir que aos universitários caibam todas as culpas da sua reduzida e deficiente Cultura. Cabe-lhes uma parte, é certo, mas uma parte apenas, já que os vícios de que enferma a Universidade se reflectem, como é óbvio, na formação do universitário. Vejam-se as teses, comunicações e relatos das comissões parciais do I Congresso dos Universitários Católicos, em Abril de 1953.

de cultura», concluamos a frase com a síntese destas considerações «mas não há pessoas cultas» e aqui façamos ponto de partida para autêntica campanha à Cultura autêntica e séria valorização cultural para que se não fale tanto em cultura mas sejamos realmente cultos.

O caminho tem sido traçado através de elementos vários, o primeiro dos quais é, aliás, o próprio estudo. Da forma como este for orientado, do aproveitamento que dele se fizer, depende, em grande parte, a formação cultural.

Em cada curso, há uma especialização do saber, com a qual o estudante se tem de familiarizar, adquirindo, não só um conhecimento específico, em nível e latitude que outros não possuem, como ainda uma maneira especial de observar a realidade e uma técnica própria para trabalhar sobre ela. O conhecimento especializado, que se concretiza, para o universitário, no estudo das Cadeiras, que formam o seu curso, constitui, deste modo, para ele uma via de acesso ao saber, uma forma particular do pensamento, um tipo de raciocínio «sui generis», que devem ser assimilados e tornados elementos formativos da própria personalidade. É evidente que a Cultura há-de ser informada pelo conhecimento especializado, já que este dá, à personalidade, um cunho particular.

Outros conhecimentos fora do campo da especialização têm de necessariamente de interferir na valorização cultural; mas estes têm a uni-los um pensamento unificador, nascido do aprofundamento de um ramo particular do saber. Em linguagem simbólica, podemos dizer que os múltiplos conhecimentos, que ajudam à formação do homem culto, estão para o conhecimento especializado tal como os ramos de uma árvore estão para o tronco. É este que dá unidade à árvore; mas, sem os ramos, de que serve o tronco seco?

Em conclusão: o primeiro ponto de uma campanha de autêntica valorização cultural começa pelo estudo profundo e criterioso das disciplinas do curso, acompanhado do es-

forço para imprimir ao mesmo uma unidade estrutural.

O segundo aspecto, não menos importante da formação cultural é a criação de determinados hábitos mentais. Parecem-me, particularmente, importantes os seguintes:

- o interesse por tudo o que se passa no país e no mundo com repercussão na Ciência, na Arte e na Vida;
- a reflexão sistemática e ordenada sobre certos factos ou ideias;
- a elaboração de opiniões fundamentadas sobre as questões de maior inte-

resse, pela sua repercussão ou sua actualidade;

- e busca de respostas para as interrogações que nós próprios levantamos ou que nos são levantadas por outrem.

Se quisermos resumir este outro aspecto da formação cultural, serve-nos a expressão: «aprender a pensar».

É a qualidade de «saber pensar» e a coerência entre o recto pensar e as atitudes tomadas que constitue a marca inegável das pessoas com formação cultural superior.

Maria Manuela da Silva

## Caminhos...

(Continuação da pág. 12)

timo, Cristo traz a mensagem duma nova vocação. Como nota Gertrude von Le Fort, a virgem consagrada, ao parecer quebrar, num assomo individualista, a cadeia que liga as gerações, mais não faz do que afirmar o valor supremo da pessoa humana nas suas relações directas e sem intermediários com Deus».

Pelo casamento o mistério da criatura é revelado a outra criatura, envolto na beleza dum amor que é o maior na terra. Pela virgindade consagrada, o mistério é entregue, selado para sempre, nas mãos de Deus.

Pelo casamento, o homem actualiza todas as potencialidades da sua natureza humana; todas as esferas do seu ser intervêm na entrega total a outra criatura humana. Pela virgindade, o homem renuncia à actualização de algumas das suas potencialidades; escolhe, por amor, «a tristeza de nunca sermos dois». Mas escolhe e renuncia *por amor do Reino*. E só esse motivo dá um sentido plenamente humano a tal renúncia.

Tão profundamente diferentes, as duas vocações distinguem-se na ordem prática por características bem definidas, envolvem uma

espiritualidade própria, exigem condições psicológicas e sociais nitidamente diferenciadas.\*

Sendo diferentes, são também em certo sentido, complementares. São-no na medida em que a virgindade, ao singularizar a pessoa humana, dá o sentido ultimo à maternidade, e na medida em que o casamento possibilita, pela fecundidade, a existência dos que se consagram. Mas são ainda complementares por esgotarem as possibilidades de escolha. Não há, de facto, possibilidade de meio termo: ou vocação matrimonial ou vocação religiosa.

A vocação matrimonial não se impõe como uma força fatal ao homem; não é indispensável à valorização do indivíduo, ordenada, como está, para a espécie. Mas, por isso mesmo, só lhe pode ser preferida outra vocação quando esta contiver em si uma fecundidade mais lata e mais profunda. E só a consagração a Deus contém em si a esperança duma fecundidade sem limites.

Maria de Lourdes Pintasilgo

\* Este aspecto será estudado com detalhe no próximo número da «Presença».



# VITRAL

*Tenho uma palavra para ti — diz o Senhor.*

*— Quando vieres, não te vistas de domingo nem estudes os gestos. Esse cuidado é das visitas.*

*Tu, entra aos tropeções, com o fato usado por todos os dias.*

*Está roto?*

*É teu.*

*Olha: pára, também, o relógio.*

*Estás em casa, sabes?*

*Hoje, como ontem; amanhã, como hoje. És tu, sempre tu. Igual e diferente.*

*Pára o relógio.*

*Tens pena de estar?*

*Cai perto a noite e ronda a sombra.*

*Tanto frio lá fora e queres sair?*

*Bate a chuva na vidraça, é já Inverno.*

*E queres partir?*

*Sòzinho — diz-me — aonde vais?*

*Pára o relógio e chega-te ao lume.*

*Canta o Sol e está posta a mesa,  
na Casa do Pai.*

*... ..  
...o resto é ficar!*

Maria Luísa Guerra

## UM GRANDE IDEAL



É grande o ideal da «Pax Romana», porque mergulha as suas raízes no próprio Evangelho e tem a sua origem directa no Coração de Cristo, «Rei e centro de todos os corações». É um ideal eminentemente católico; teria Jesus podido originar uma obra que não fosse católica?

«Pax Romana» é uma resposta ao desejo ardente, expresso pelo Salvador no caso da Sua vida terrestre, de ver todos os homens unidos na Verdade e na Caridade. Na medida em que estiver sendo realizada, apesar de imperfeições inevitáveis, constitui como que o deferimento da oração sacerdotal do Mestre: «Pai, que eles sejam um, como Nós somos Um!». Ela é assim uma imagem fiel da Igreja, una e católica, católica porque profundamente una, sendo a catolicidade como que uma expansão da unidade.

Todo o homem pode encontrar-se à vontade na Igreja de Jesus Cristo; o baptismo não exige o sacrifício de nenhum valor autêntico. Tudo o que é bom, tem o seu lugar na comunidade cristã, porque todo o bem vem de Deus e contribui para o enriquecimento do conjunto, que resplandece, assim, com uma prodigiosa diversidade e com uma misteriosa unidade. Não é, portanto, normal que católicos, pelo simples facto de pertencerem a pátrias terrestres diferentes, se detestem, se odeiem, se combatam e se matem. Ao oferecerem aos pagãos o doloroso espectáculo da divisão, escandalizam-nos, deixando triunfar o que pode separar

cristãos que continuam a ser, apesar do baptismo, homens marcados pelo pecado, que é agente de desagregação; e espezinham aquilo que deve uni-los e que é, em si, mais poderoso e mais forte do que os factores de oposição. Com efeito, não é natural que homens que comungam a mesma Hóstia, que se alimentam do mesmo Cristo, façam depois uns aos outros o maior mal possível, porque se encontram de cada lado de uma barricada cor de sangue.

Dizia o Senhor aos seus fiéis: «Por este sinal reconhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros». Era por este sinal, na verdade, que os pagãos reconheciam primitivamente os cristãos: «Vede como eles se amam». Ora, aquilo que foi realizado nos primeiros tempos, num mundo tão duro e tão violento como o nosso, não seria possível hoje também? O nosso mundo será impermeável agora à Caridade divina? Afirmá-lo seria uma blasfémia, porque seria proclamar o fracasso da Encarnação redentora; aceitá-lo, numa atitude de resignação passiva, seria uma traição, porque seria entregar ao demónio — «aquele que não ama» — uma terra que bebeu o Sangue do Filho de Deus, que veio para aproximar «os que estavam perto e os que estavam longe».

«Pax Romana» é uma obra mais necessária do que nunca, e talvez, também, mais do que nunca difícil. Para a realizar, seria vão contar apenas com a boa vontade, que é indispensável mas não basta. Só a graça

tem poder bastante para unir corações sem os confundir. Trata-se, afinal, de fazer triunfar, no coração dos estudantes que esta Organização reúne, o catolicismo que os une, acima do nacionalismo exagerado que os separa, e de ajudá-los a viver como irmãos e não como rivais. O quarto mandamento da lei de Deus impõe-nos que amemos a nossa pátria; mas fixa os limites do patriotismo virtuoso, que nunca poderá conformar-se com o ódio às outras pátrias. Porque a pátria nunca será um ídolo ao qual o cristão possa ou deva sacrificar a sua alma imortal e divinizada pela Caridade! Esta verdade é dura de entender, na hora presente, porque, se os povos deixaram de bater-se, não acabaram de se detestar. Mas já não se é cristão, quando se alimenta voluntariamente em si o ódio ao próprio irmão. É certo que não será fácil detestar o mal sem detestar o seu responsável; contudo, não se é discípulo de Cristo senão nessa condição. De outro modo, não se é mais do que um pagão, que só ama aqueles que o amam.

Em face desta exigência, o cristão pode desesperar da natureza, que se revolta contra ela; mas não tem o direito de desesperar da Graça, que torna possível mesmo o que se julga impossível, porque «nada é impossível a Deus». Se os universitários católicos, que crêem que os homens foram criados para se amar e não para se odiar, estiverem conscientes desta riqueza e se comprometerem a ser lógicos — quer dizer, a seguir a luz da Fé e o impulso da Caridade — a sua empresa sobre-humana, de tornar o mundo mais humano, autorizará todas as esperanças. Mas eles deverão, para isso, dominar a sua sensibilidade, elevar-se acima de muitos preconceitos, avançar contra-corrente, aceitar o não serem compreendidos, esperar serem combatidos, encarar mesmo o próprio martírio. A causa que ambicionam servir merece todo o preço, até o preço do sangue; verteram-se torrentes deste por causas que não valiam, seguramente, aquela. E seria de admirar que a Caridade prevalecesse sem

que alguns dos seus apóstolos tivessem de dar a prova suprema do Amor.

Sem dúvida que muitas coisas aproximam, naturalmente, os estudantes; e «Pax Romana» assenta sobre estes valores humanos. A qualquer nação que pertençam, os seus próprios estudos são um factor de união. Um francês, estudante de Medicina, facilmente encontra, se o desejar, a maneira de estabelecer conversa com um futuro médico alemão ou inglês; assim como o Direito ou a Literatura, por exemplo, podem criar laços entre estudantes de Faculdades idênticas em Universidades de países diferentes. O interesse ou a curiosidade científica fazem nascer o desejo de se conhecerem melhor, de manterem relações, de promoverem encontros. A experiência diz-nos que estes contactos constituem para o espírito um enriquecimento mútuo; e, quanto mais se está aberto a tudo o que é verdadeiro, tanto mais se experimenta e aprofunda a necessidade de saber.

A comunidade de estudos gera uma certa comunidade de espíritos; atentos àquilo que une, esquece-se pouco a pouco o que arrisca à divisão; hez-nos a compreender-se e a estimar-se; e, quando se estima, está-se bem perto de se amar. E a amizade autoriza todas as franquezas; postula-as, mesmo. As questões delicadas, por ventura até perigosas, ousa-se agora abordá-las quase sem perigo. Já não são motivo de afastamento; resolvidas, reforçam até os laços da amizade. Assim se descobrem todos profundamente irmãos uns dos outros; e, sem esforço algum, persuadem-se de que nunca poderão ser irmãos inimigos.

Acrescente-se, a este belo encontro humano, o maravilhoso encontro cristão, que muitas vezes, aliás, terá precedido misteriosamente o primeiro, e poderá, só por si, assegurar o seu desenvolvimento normal, a sua estabilidade e fecundidade plena. Que sentido insuspeito toma então a oração comum! O Pai Nosso, que se recitou tantas vezes, egoisticamente, eis que começa a dizer-se fraternalmente. Descobre-se, então,

que um cristão nunca reza sozinho, nem só para si. O outro já não é algo de distante; está próximo, é um outro ele próprio, visto que o Pai é comum. Pede-se, para ele ou para eles, aquilo que se solicita para si próprio, o único necessário e também o acréscimo. Admira-se, sentem-se os outros tão próximos, tanto mais que se imaginavam centas barreiras como sendo intransponíveis; pergunta-se como se encadeou o vínculo imperioso que faz que, apesar da diversidade dos temperamentos, das raças, das línguas, das culturas, haja, para além de tudo isso, um só coração e uma só alma. A palavra de Jesus, que se entendeu talvez, pela primeira vez, vem à memória: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu Nome, Eu aí estarei, no meio deles». É Ele o elo vivo, mais poderoso do que o ódio e mais forte do que a morte. Ele tinha-se juntado aos viajantes, havia talvez bastante tempo; e, contudo, eles só O reconheceram na fracção do pão...

Quando os universitários se ajoelham à mesma mesa, à mesa de família, para receberem o mesmo Jesus. Aquele que os torna irmãos transformando-os n'Ele, sentem que é impossível amar a Cabeça e odiar os membros. Fariam violência ao Corpo de Cristo que vem para unir, se se conservassem voluntariamente divididos. Afinal, não é preciso menos do que a Eucaristia para realizar o ideal da «Pax Romana». Quando Jesus reza pela unidade de todos os homens na Caridade, institui o Sacramento da Caridade; só a Eucaristia sairá vitoriosa de todas as oposições e de todos os ódios. Venceu o paganismo sem coração e criou um mundo cristão, quer dizer, um mundo fraternal.

«Pax Romana» nada pode, portanto, sem a Igreja, mestra de Verdade e fonte de Caridade, prolongamento na terra d'Aquele que é a própria Verdade e a própria Caridade. Na medida em que os universitários católicos tomarem consciência do «Credo» que une as suas inteligências e da Eucaristia que une os seus corações, contribuirão eficazmente para restaurar a única ordem autêntica, fundamento da verdadeira paz, dessa paz que o mundo não pode dar. Nenhuma barreira de separação vence as investidas da Caridade; se os católicos se revelassem incapazes de amar com o espírito do Mandamento Novo, o mundo ficaria entregue ao demónio, e teríamos, ainda, sobre a terra visões de inferno.

Quer dizer, também, que a Igreja tem necessidade da «Pax Romana», da mesma maneira como Deus quer ter necessidade de nós, por misericórdia. A Igreja conta com aqueles que se declaram abertamente por Ela, para que encarnem a sua doutrina e a sua vida. Ela é, entre os homens em guerra, uma visão de paz, porque a Graça de que Ela é plena é o germe da beatitude, o começo do paraíso. Compete aos seus melhores filhos revelar o seu verdadeiro aspecto, muitas vezes desconhecido ou, pelo menos, desfigurado. Já que as ideias, como se diz, conduzem o mundo, importa à Igreja que aqueles que pensam, pensem rectamente; e importa ainda mais que aqueles que pensam rectamente, vivam rectamente também, porque só a Verdade, que opera pela Caridade, traz consigo a paz.

Abbé Romain Pittet

(Adapt. do Jornal «Pax Romana»)



# Pax Romana informa...

- ... De 30 de Dezembro a 1 de Janeiro passado, realizou-se mais uma das habituais reuniões do «Comité Directeur» de Pax Romana — MIEC, para o estudo de problemas de orientação do Movimento e análise de planos de acção futura. Na qualidade de Vice-Presidente do mesmo «Comité» e para tomar parte nesta reunião, deslocou-se naquela data a Paris a Maria de Lourdes Pintasilgo, nossa Presidente Geral.
- ... Em Friburgo ou nos arredores, realizar-se-á este ano, em meados de Julho e com a duração de cinco dias, um Seminário de formação destinado aos mais responsáveis dirigentes internacionais de Pax Romana — MIEC e nacionais das suas Federações espalhadas por todos os continentes. Faz parte do programa deste encontro o estudo dos temas seguintes: «A missão da Igreja no mundo contemporâneo; o apostolado dos leigos»; «Que pode esperar a Igreja do meio universitário»; «De que maneira pode Pax Romana ajudar as Federações (formação internacional e formação profissional dos seus membros)».
- ... Ainda durante o próximo mês de Julho, terá lugar a Assembleia Interfederal anual de Pax Romana — MIEC. Desta vez será na Áustria, em Innsbruck, e os seus trabalhos subordinar-se-ão ao tema: «O apostolado mundial de Pax Romana», que conduzirá ao estudo de alguns dos problemas fundamentais que actualmente se põem ao Movimento.
- ... O Subsecretariado de Engenharia de Pax Romana — MIEC realiza, este ano, o seu 3.º Congresso Internacional, que terá lugar em Roma, de 28 a 31 de Março. O tema a desenvolver será: «O estudante de Engenharia e o mundo do trabalho», e o programa compreende uma audiência do Santo Padre aos congressistas e visitas aos monumentos da cidade. A Direcção Geral poderá dar mais informações acerca das condições de participação neste Congresso.
- ... Também o Subsecretariado de Arte vai promover mais um Congresso, que terá lugar em Linz, nas margens do Danúbio, na Áustria. Os trabalhos desenrolam-se de 21 a 25 de Maio, sob o tema: «A arte na Áustria — tradição e perspectivas novas». Podem pedir-se também à D. G. informações mais detalhadas a este respeito.
- ... Thom Kerstiens, Secretário Geral da Pax Romana — MIEC, e o Prof. Paul Mazin, delegado permanente da Pax Romana junto da UNESCO, tomaram parte, recentemente, em representação do Movimento, nas reuniões das Organizações não-governamentais (ONG) com voto consultivo na UNESCO, de cujo «Comité» faz parte, actualmente, Pax Romana.
- ... O «Fundo Mundial de Socorros», órgão internacional de cujo «Comité» de liquidação também «Pax Romana» faz parte, tomou a decisão de destinar cem mil francos suíços aos estudantes vítimas de inundações na Índia e no Paquistão, distribuindo essa quantia pelas próprias Universidades das zonas atingidas.



## *Recorte da Bíblia*

*Ó vós todos que tendes sede  
Vinde às águas.  
Mesmo vós, os que não tendes dinheiro.  
Vinde, comprai trigo e comei.  
Vinde, comprai trigo sem dinheiro  
E vinho e leite.  
Porque gastais dinheiro  
Com o que não é pão?  
Escutai-me atentamente  
-E comereis o que é bom.  
Prestai atenção e vinde a mim;  
Escutai-me e a vossa alma viverá.*



## *Fundação Cuidar o Futuro*

---

*Procurai Jahweh, enquanto ele pode ser encontrado.  
Invocai-o, enquanto está próximo.  
Que o mau abandone o seu caminho  
E o homem de iniquidade os seus pensamentos.  
Que ele regresse a Jahweh,  
Ao nosso Deus que é cheio de perdão,  
Porque os seus pensamentos  
Não são os nossos pensamentos.  
Nem os seus caminhos  
Os nossos caminhos.*

---

*Sim, tal como a chuva e a neve  
Que descem dos céus  
E não regressam  
Sem ter fecundado  
E feito germinar a terra,  
Assim a palavra que sai da minha boca  
Não volta sem ter produzido efeito.  
Vós saireis com alegria  
E sereis conduzidos em paz.  
As montanhas e as colinas  
Gritarão o seu júbilo  
E todas árvores dos campos  
Baterão palmas.  
Em vez de espinhos,  
Crescerá o cipreste;  
E, em vez de urtigas,  
Crescerá a murta.  
E isto será para Jahweh, uma glória.  
Um monumento eterno  
Um monumento eterno que não será nunca abolido!*

(Livro de Isaías, cap. 55)

## Fundação Cuidar o Futuro

Tradução e adaptação por

Maria Luísa Guerra

*É dia ainda no terraço.  
Sinto uma alegria nova:  
se mergulhasse a mão na tarde  
poderia espalhar, em cada viela,  
oiro do meu silêncio.*

*Estou agora tão longe do mundo!  
Com seu brilho de tarde orlo  
a minha solidão grave.*

*É como se alguém viesse  
Devagar roubar-me o nome  
Tão manso, que nem vergonha  
sinto, e sei; já o não preciso.*

R. M. Rilke



# O TRABALHO — REGÍMEN DE SALARIADO

Ao falar no sofrimento a que o trabalho — actividade humana aplicada à produção da riqueza — dá origem, esquecemos, muitas vezes, que aquele não é senão um aspecto acessório, e que o trabalho, mais do que causa de dor, é fonte de riqueza e bem-estar.

Ainda que o homem não tivesse pecado, estaria sujeito à lei do trabalho como forma normal de aperfeiçoamento e de plena expansão das suas possibilidades. Se antes da queda, a dor resultante do mesmo trabalho estava suspensa, estava-o por um privilégio de Deus e não porque de si essa fosse uma qualidade inerente à natureza humana.

O trabalho surge-nos, pois, como um dever e não, apenas, de ordem individual — em razão do aperfeiçoamento e da subsistência — mas ainda de ordem social — o homem que recebe os benefícios da vida social tem, também, o dever de contribuir para a realização do bem comum.

Como todo o dever é fonte de direito — o de cumprir esse mesmo dever — ao dever de trabalhar corresponde, evidentemente, o direito de trabalhar.

Mas, quando dizemos que todo o homem tem direito de trabalhar, não significamos com isso que, ao Estado ou a qualquer outra entidade, caiba, necessariamente, o dever de proporcionar a cada cidadão, individualmente, os meios concretos de trabalho. Daqui, a distinção entre «direito a trabalhar» — que a Igreja reconhece — e «direito ao trabalho» — que a Igreja nega.

O homem pode, pois, apenas, exigir que

a sociedade se organize de tal modo que lhe seja fácil encontrar trabalho; e, ao Estado, cabe velar por que esta condição se verifique.

Em certas ocasiões de crise, pode, porém, o Estado chamar a si a missão de dar trabalho. Tal situação é necessariamente anormal e não deve manter-se senão como transitória. Cada vez que o Estado pretender tomá-la como permanente, verifica-se que a ociosidade aumenta e a iniciativa particular decresce.

Toda a organização da sociedade deve, pois, basear-se no trabalho, uma vez que este é o meio pelo qual a maior parte dos homens pode prover às suas necessidades.

Tende-se, hoje, cada vez mais, ao menos em certos meios, para reconhecer ao trabalho o seu carácter social e dar ao trabalhador — refiro-me especialmente ao trabalhador manual — o lugar que, de facto, lhe cabe na organização da sociedade. Com efeito, no trabalho, ainda no mais humilde e aparentemente mais material, há, sempre, algo de espiritual, algo que transcende a matéria, em que o esforço do homem incorpora uma forma e uma dignidade novas.

Por isso, quando falamos em retribuição do trabalhador, temos de pensar, primeiro, na consideração e respeito que como obreiro do bem comum lhe são devidos.

No que se refere à remuneração material, esta não pode ser calculada, apenas, em função da riqueza produzida, porque aquilo que nela há de valor humano e espiritual não pode ser reduzido a qualquer cifra mo-

netária. Uma vez que o trabalho é o meio posto por Deus ao alcance do homem, para, através dele, satisfazer às suas necessidades, como já dissemos, o salário, remuneração dada ao trabalhador pela sua participação na produção das riquezas, tem de permitir, *de facto*, satisfazer essas mesmas necessidades. E chegamos, assim, aos princípios que devem reger a determinação do justo salário.

Segundo os ensinamentos sociais dos Papas, o salário deve assegurar, ao operário sóbrio e honesto, uma vida livre e digna.

Destes dois princípios — liberdade e dignidade de vida — se deduzem vários direitos. O primeiro, viver dignamente, compreende a possibilidade de acesso a um tipo de habitação e vestuário de acordo com o nível social a que o assalariado pertence; de constituir e sustentar família; e de providenciar aos acidentes, doença e velhice.

O segundo, viver livremente, supõe a possibilidade de constituir um pecúlio que lhe permita manter-se e à família na doença, velhice e desemprego, sem o que não será verdadeiramente livre. Na realidade, aquele operário que ganha dia a dia, o que dia a dia, consome, encontra-se na dependência absoluta do patrão, que não pode abandonar sem se expor e aos seus à fome e à miséria.

A forma de salário que a Igreja admite como salário mínimo justo — e que como tal deve ser imposto coactivamente, quando necessário — é o salário familiar absoluto, isto é, o salário suficiente para sustentar uma família normal média (cinco filhos).

Mais perfeita, será a forma do salário familiar relativo que os Papas aconselham e a que Pio XI chama «obra de alta caridade e, ao mesmo tempo, de justiça social». Consiste este em juntar, a um salário base, uma determinada cifra por cada pessoa de família a cargo do chefe. Esta não é atribuída directamente pelo patrão, o que poderia conduzir à preferência por operários sem filhos, mas através das caixas de compensação, para as quais os empresários pagam,

por cada operário, uma quantia X, quer este tenha, quer não, família a seu cargo.

As condições particulares de risco, produtividade, etc., devem corresponder suplementos especiais.

No que se refere à exigência de salário familiar absoluto, como salário mínimo justo, ele é devido, segundo Leão XIII, apenas por caridade. Porém, se esta não pode ser imposta pelo Estado, ao qual não cabe fazer caridade, nem, por isso, deixa de obrigar em consciência todos os cristãos.

Mas, na encíclica «*Quadragesimo Anno*» o salário familiar absoluto é já apresentado como uma exigência de justiça social; logo, como devendo ser imposto pelo Estado, ao qual incumbe salvaguardar e fazer respeitar os princípios da justiça, enquanto, na «*Divini Redemptoris*», se lhe refere o Santo Padre como a «um dever de estrita justiça».

Daqui, nasceu, entre os moralistas e sociólogos, uma discussão: por «*estrita justiça*» deverá entender-se «*justiça social*» ou «*justiça comutativa*»? No último caso, estariam os patrões obrigados à restituição. A Igreja não se pronunciou sobre este ponto, e, enquanto os sociólogos se inclinam mais para afirmar que se trata de justiça social, os moralistas preferem a segunda interpretação.

Em qualquer dos casos, pode a situação da empresa não permitir, sem que haja lesão da justiça, que tais princípios se apliquem. Mas, ainda assim, há que considerar, se tal situação não será culposa — na medida em que os empresários se desinteressarem dos progressos técnicos, dos quais resultaria um aumento de lucros a beneficiar capital e trabalho, ou que o Estado sobrecarregue a empresa com impostos tais que esta não possa atender às necessidades dos seus assalariados. Então, já haveria lesão da justiça.

Mas, ainda quando assim não seja e que a responsabilidade da má situação financeira da empresa não possa atribuir-se senão a um conjunto de condições estranhas à vontade dos homens, pergunta o Santo Padre («*Quadragesimo Anno*») se não será

de considerar a possibilidade da sua dissolução e substituição por outras formas capazes de garantir, ao trabalhador, o mínimo a que tem direito.

Tal concepção de trabalho e salário, em que se atende, primeiro, à dignidade do trabalhador como pessoa e à do produto do seu trabalho como algo, em que, acima do valor económico, está o valor que o esforço do homem lhe imprimiu, vem condenar as doutrinas liberalistas. Segundo estas, o regímen de simples salário individual, excluída a intervenção do Estado, é perfeitamente legítima, desde que, afirmam, seja deixada, ao trabalhador, a liberdade de aceitar ou recusar as condições que o empresário lhe oferece. Parecem esquecer que, perante o dilema de aceitar um determinado trabalho por piores que sejam a remuneração e as condições, em que este se deve efectuar, ou morrer de fome, não resta grande possibilidade de escolha.

Contra a concepção socialista, segundo a qual o regímen de salário seria ilegítimo, por espoliar o operário duma parte da riqueza que produziu, e contra a concepção dos católicos, para o qual o regímen seria, apenas, transitório, a substituir pelo de contrato entre o capital e o trabalho, logo que a formação das massas trabalhadoras e das entidades patronais o permitisse, se eleva a voz da Igreja, afirmando: desde que o contrato de trabalho não seja injusto, o regímen de salário, de si, também não é.

Na verdade, o operário pode, por sua livre vontade, renunciar a uma parte das riquezas, que lhe competiriam, trocando-as pelos benefícios da antecipação dos lucros — com efeito, o salário é-lhe entregue independentemente do momento em que aqueles se produzem — e da isenção do risco.

Mas, nem só vantagens apresenta o regímen de salário. E, enquanto estes são, sobretudo, de ordem económica, alguns inconvenientes de ordem moral se levantam: o operário desinteressa-se da perfeição e quantidade de trabalho produzido, desde que estes se não traduzem num aumento de salário, e fica, pelo mesmo motivo, diminuído no seu espírito de iniciativa.

Tal regímen contribui, também, para fomentar a oposição entre capital e trabalho — enquanto o patrão procura o máximo de produtividade com o mínimo de paga, o operário esforça-se por obter o máximo salário com o mínimo de esforço.

É, neste sentido, que a Igreja afirma, também, que, se o salário não pode ser considerado uma forma ilegítima ou injusta de retribuição, ele não é, contudo, uma forma perfeita; e, como tal, deve ser corrigido, através de diferentes meios, como sejam o accionariado operário e a participação da gerência e dos lucros.

Maria Susana Gaspar de Almeida



# A participação dos leigos nas Missões

Poucas vezes pensamos no papel que cada uma de nós poderia desempenhar quando terminasse os seus estudos, no campo das Missões.

Pelo Baptismo e Confirmação passámos a fazer parte dos apóstolos da Igreja.

Através dos tempos tem sido constante a resposta a este chamamento; um corpo que consiste, por um lado, de Bispos e Padres, dispensadores da Graça através dos Sacramentos e, por outro lado, o leigo, como complemento e, em união com aqueles, trabalhando para o estabelecimento do Corpo Místico de Cristo nas almas de todos os seres humanos.

As tarefas particulares do missionário leigo têm variado conforme as necessidades da época em que ele serve.

Com os séculos XIX e XX surgiram situações e problemas sem paralelo pela sua complexidade. A época das realizações técnicas fez nascer uma atmosfera de egoísmo e de decadência moral que, infelizmente, em não poucos casos, tem sido a embaixatriz da civilização Ocidental nas terras de Ásia e de África.

De encontro a este fundo as forças da Igreja têm-se consolidado a pouco e pouco. As Encíclicas de Bento XV e as de Pio XI («Quadragesimo Anno») e Pio XII («Mystici Corporis Christi») vieram chamar a atenção para as responsabilidades do leigo e para o papel que ele tem a desempenhar no apostolado para construir o Corpo Místico de Cristo.

Ao mesmo tempo, as respostas a este chamamento concretizaram-se na criação de organizações leigas com tarefas específicas no trabalho missionário.

O «Grail» em 1921, e o «Ad Lucem» em 1931, por exemplo, encontraram-se lado a

lado com o clero, procurando alargar o reino de Deus.

A rápida multiplicação de sociedades e organizações trabalhando para o mesmo fim trouxe a necessidade de se criar um corpo central que formasse os elementos básicos para o trabalho independente destas sociedades. Assim se fundou o Secretariado Internacional de Missionários leigos com os seus departamentos centrais em Milão.

Tendo progredido até esta altura, em breve se tornava necessário examinar mais detalhadamente o estatuto do missionário leigo, para definir o seu trabalho até onde fosse possível e para dar algumas indicações claras de formação pessoal, requeridas pelas tarefas que ele desempenharia.

O termo «leigo» indica simplesmente a posição daquele que não participa das «Ordens» e jurisdição da Hierarquia organizada pela Igreja e tem também de se distinguir dos religiosos não clericais que têm obrigações e gozam de privilégios que os associam ao Clero.

A palavra «Missionário» define-se também como a pessoa que destina a sua vida ao trabalho de implantar a Igreja onde Ela ainda não está estabelecida.

No Congresso de Roma, no entanto, um novo termo «Missionário leigo auxiliar» foi permitido aplicar-se àqueles que ajudam os missionários leigos, directa ou indirectamente, no plano material, permanecendo na sua própria terra.

Este conceito, portanto, confina o termo «Missionário Leigo» a uma pessoa que, tendo recebido um mandato do Bispo ou de autoridade eclesiástica competente, exerce os seus talentos, profissionais ou não, no serviço directo das Missões.

Este mandato ou compromisso, através do



Bispo, pode ser feito de várias formas: o missionário leigo pode seguir uma profissão autónoma (por exemplo, medicina) ou parcialmente autónoma (por exemplo, o professorado) ou estar directamente subordinado ao Bispo.

E qual o principal fim deste trabalho?

Consiste na formação de uma «élite» nativa que ajudará a organizar a sua própria vida católica e a promover a sua actividade específica em todos os domínios seculares.

A melhor forma de realizar esta tarefa é pela Caridade. O Amor tem de brilhar de forma concreta em todos os aspectos do laicado missionário pois só desta maneira, ele deitará abaixo as barreiras que a raça, a cor e a civilização material erigiram. Para a sua realização são absolutamente necessárias profunda formação espiritual, intelectual e profissional.

O treino espiritual tem de ser realizado dentro dos moldes de uma das organizações apontadas, ou efectuada pessoalmente.

A formação profissional e intelectual será realizada, como é necessário, no mundo académico. Quase não será preciso acrescentar que a perfeição, na formação profissional, é de importância vital, pois é uma excelente introdução para o mundo missionário.

Eis, pois, a actividade missionária do leigo: tornar-se o mensageiro de Cristo; mas esta dedicação absoluta não o impedirá de levar uma vida de acordo com as exigências da natureza humana; assim pode ser casado ou não, pode consagrar-lhe a sua vida toda ou um período definido.

O laicado missionário representa a actividade do leigo que consagra a sua vida à implantação da Igreja.

Salientamos apenas algumas destas numerosas organizações:

#### *O Grail:*

Este movimento foi iniciado por um pequeno grupo de estudantes holandeses em 1921, com o Padre Van Ginneken como seu director espiritual. Desde então o movimento espalhou-se: Alemanha em 1933, Es-

cócia em 1935, Austrália em 1936, E. U. em 1939 e Hong-Kong em 1946.

O fim do Grail é tríplice: preparar as jovens católicas como guias apostólicas para a penetração do seu meio; cooperar como apóstolas leigas em terras de missão; trabalhar entre as não católicas.

Em 1947 estabeleceu-se uma escola missionária na Holanda. Aí, todos os anos, raparigas qualificadas nos campos da Medicina, Educação e Sociologia, são preparadas para as suas tarefas como trabalhadoras leigas nos domínios de missão.

Esta preparação consiste em seis fins de semana, um em cada mês, depois dos quais vão viver para a escola de missão para tomar parte num curso intenso e interno (residencial) de 6 meses.

O programa inclui formação religiosa baseada na vida da Igreja, o estudo dos métodos missionários e história das missões, antropologia e geografia, e um estudo da língua do país para onde o grupo se está preparando para ir.

Há também o treinamento prático para as muitas necessidades que têm de ser enfrentadas numa terra de missão.

A parte mais importante deste curso é, no entanto, o compartilhar da vida do grupo, através do qual a teoria se pode tornar em experiência real. Existe uma escola semelhante em Loveland, Estados Unidos.

#### *International Auxiliary Women*

Esta sociedade nasceu em 1937 sob a direcção espiritual de Fr. Soun, inspirada pelo grande missionário Frei Vincent Lobbo. Tem especial interesse pelos problemas das mulheres e raparigas em terras de missão.

A juventude feminina das várias nações da Ásia e África está presentemente atravessando uma rápida e complexa evolução, resultante da quebra entre as correntes de pensamento ocidentais e o seu conceito tradicional de vida.

O fim desta sociedade é a formação de uma «élite» feminina independente, cons-

(Continua na pág. 31)

## Max Jacob

Quando certa manhã brumosa de Fevereiro no presbitério de Saint-Benoît-sur-Loire, uma patrulha nazi, martelando secamente os passos e as sílabas, exigiam de um velhito calvo e tímido que a acompanhasse a Drancy, a Europa não soube que um abominável ódio rácico a privava, na pessoa de Max Jacob, de um poeta, de um romancista e de um autor místico. Fechava-se deste modo sumário o ciclo da vida de um judeu convertido em circunstâncias excepcionais.

Max Jacob viveu a sua mocidade no Paris louco dos princípios do século: pintor boémio, poeta de vanguarda, meio astrólogo meio quiromante, de tudo um pouco se mesclou a sua actividade, como a dos companheiros na roda dos quais andava: Guillaume Apollinaire e Picasso.

Preocupações de ordem religiosa — ele mesmo o testemunhou — andavam-lhe muito arredadas do espírito quando, uma tarde, ao regressar ao quarto que habitava, Cristo lhe apareceu na parede, «vestido de amarelo e azul». Posteriormente, Max Jacob falará dessa visão como sendo a de um anjo (?).

Milagre ou alucinação, não nos interessa agora lançar o debate, mas apenas verificar que essa tarde de 1909 marca a sua conversão quase fulminante, embora o baptismo, retardado pela prudência das autoridades

eclesiásticas, só em 1915 lhe tenha dado entrada no grémio da Cristandade.

Com alternativas de santidade e de pecado, a vida de Max Jacob, menos enlaçada é certo, recorda em muito a de Paul Verlaine e a do nosso Gomes Leal. Como em qualquer deles, também a contrição ressoa com frequência nos seus últimos trabalhos, especialmente nas meditações religiosas que se habituara a redigir diariamente antes da Missa, e que distribuía depois largamente pelos amigos e conhecidos com ardor apostólico impressionante.

Cifram-se estas em meia dúzia de pontos que retoma consecutivamente, quase por obcecção: os quatro Novísimos — Morte, Juízo, Inferno e Paraíso — acrescidos da contemplação dos benefícios divinos e do pecado.

Mas de todos, o tema da Morte foi — iríamos jurá-lo — o seu predilecto: sente-se que Max Jacob o encarou sob todos os ângulos porque facilmente previa a sorte que o esperava, como aos outros infelizes marcados por uma estrela amarela.

Um romance, algumas novelas entre as quais «*Le Roi de Béotie*», revelam o seu pendor satírico, a sua pronunciada veia caricatural que se patenteiam aliás também em muitos dos poemas em prosa, «*Le Cornet à dés*» principalmente, os quais, no entanto, e embora nos custe pôr em dúvida a sinceridade de Max Jacob, nos aparecem





apenas como uma bela «blague» de inovador.

Já nos agradam, contudo, muito particularmente aqueles pequenos trechos que conservam um não sei quê de lenga-lenga infantil, espécie de «Nursery Rymes» deliciosamente absurdas. Estão neste caso os poemas reunidos sob o título «Oeuvres burlesques et mystiques du Frère Matorel», «Chants bretons et inédits, signés Morven le Gaelique», «Les pénitents en maillots rose», que pelas onomatopeias e colorido bem poderiam tentar um ilustrador moderno a que os transformasse em páginas de um sugestivo album de estampas.

Mas nem sempre Max Jacob foi capaz de resistir à atracção exagerada do «calembourg»; as assonâncias do seu estilo são demasiadamente voluntárias, bem como os jogos fonéticos a que serve de exemplo frisante «Les manèges déménagent», autêntico brinquedo silábico.

Corresponderá isto a uma predilecção pelas atitudes clownescas de que frequentemente deu provas nos seus tempos de rapaz?

Fase ultrapassada, felizmente, porque esse amor à pintura verbal não deixou rasto na sua prosa mística: pelo contrário, a gravidade dos temas comunicou-lhe ao estilo certa serenidade não isenta de angústias, que se exprimem pela frequência das interrogações, exclamações e vocativos.

Apesar das divergências de concepção estilística que possam levantar-se entre o leitor mais ou menos clássico e o autor deliberadamente anti quaquer regra académica, continua a valer a pena uma leitura de Max Jacob, pela simples razão de que vale sempre a pena ir, lealmente, ao encontro do que se nos afigura estranho, porque, no final, permanece intacta a nossa liberdade de aceitar ou recusar.

Maria Isabel de Mendonça Soares

(Continuação da pág. 29)

ciente das suas tradições locais e conhecedora do papel que têm a desempenhar no Corpo Místico de Cristo. Assim, grupos de auxiliares, treinadas durante dois anos, quer em Bruxelas, quer em Chicago, são enviados para trabalhar directamente debaixo da jurisdição do Bispo local.

Movimento do Laicado Missionário

Este movimento foi criado em 1946. Os seus membros têm de desempenhar as mesmas tarefas que os Irmãos tanto em trabalhos materiais das missões como em certos postos educacionais.

Há um contrato por dois anos e meio; durante este tempo os membros, que trabalham sem remuneração, partilham da vida dos Padres e Frades e dependem directamente de Monsenhor Soun, que trata pessoalmente da sua passagem e treinamento.

Voluntários dos Serviços médicos, educacionais e sociais

Os voluntários respondem aos pedidos dos

Bispos locais e prelados das terras de missão. Aceitam emprego em qualquer das três categorias de serviço e trabalham de acordo com os desejos da Igreja missionária. O seu trabalho principal é o de serem instrumentos de contacto com o povo que servem e que, eventualmente, abandonarão a uma «élite» local que continuará a sua tarefa. Tem o seu centro em Bruxelas.

Medicinal Missionary Society College Cork

Os estudantes ingressam no Colégio para se prepararem como médicos, para as missões. Os estudantes são recebidos, sujeitos à sua aceitação por uma sociedade missionária particular, os Padres Capuchinhos, os Padres Brancos, etc.

Depois da graduação trabalharão no território da sociedade missionária a que estão ligados. Enquanto estão na Faculdade os estudantes recebem uma pequena ajuda para cobrir as suas propinas e o custo dos livros.

De um «Memorandum» da «Union of Catholic Students» — Oxford.

Adaptação por M. J. S.

## *Página de Antologia*

«Nous nous parlons! Nous faisons des affaires ensemble! Nous nous aimons! Nous nous haïssons! Nous nous croignons! Nous avons confiance! Nous partageons nos joies, nos douleurs! Nous compatissons! Nous mangeons et buvons les uns près des autres! Nous nous traitons d'amis, d'ennemis, de femme et d'épouse, de père et d'enfants, mais nous ne nous connaissons guère!

Qui n'a pas été surpris en voyant agir son voisin? Tel qui passait pour une brute sans coeur se révèle dans une circonstance un grand coeur et une âme parfaite, et réciproquement cet hypocrite est démasqué. (...)

Est-ce que nous ne nous ignorons pas nous-mêmes? Notre conscience n'a pas même de surveillance, notre inconscience et notre conscience font assez mauvais ménage et nous sommes ici plus que solitaires.»

## Fundação Cuidar o Futuro

«Ô péché que tu courbes violemment jusqu'à le déformer, l'arc bien-tôt brisé de mes épaules fragiles! Sur cet arc où jadis passait la main de Dieu, le poids, le poids tranchant du péché, — le péché! — fait d'abord jaillir un sang noir. Prêtre, tu pardonnes trop vite! Tu émousses trop tôt la blessure sanglante du péché.

— Ô Dieu, dont la main passe sur la cime des bois, sur l'océan, il pardonne trop vite!

Il émousse trop tôt la blessure sanglante du péché! Celui qui pense ici au péché est un homme abruti par le péché, débordé par lui.

Il demande à Dieu, dont la main a passé sur la cime des bois, il demande à Dieu: «— Ô toi, infinie bonté, qu'est-ce que le péché?» Et Dieu ne répond pas; le diable dit: «C'est moi!»

*(Max Jacob in «Méditations religieuses»)*



superficialidade e a ligeireza, que exerce um influxo positivo sobre a sua personalidade, para que, em uma hora tão importante como é a do parto, manifeste a firmeza e a solidez do seu carácter. Entretanto, sob outros aspectos, o método pode dar resultados moralmente positivos. Se se logra eliminar a dor e o temor do parto, diminui-se amiúde, ao mesmo tempo, o incentivo de cometer acções imorais no uso dos direitos do matrimónio.»

E mais adiante:

«Uma crítica do novo método, sob o aspecto teológico, deve, em primeiro lugar, ter em conta a Sagrada Escritura, porque a propaganda materialista pretende encontrar uma contradição deslumbradora entre as verdades da Ciência e as da Escritura.

No Génesis (Gén. 3, 16) lê-se: «In dolere paries filios (tu darás à luz na dor), e, para entender bem estas palavras, é necessário considerar a condenação dada por Deus no conjunto do contexto. Infligindo este castigo aos primeiros pais e à sua descendência, Deus não quis impedir, nem impediu aos homens o investigar e utilizar todas as riquezas da criação, fazer com que a cultura progreda passo a passo, contribuir para que a vida deste Mundo seja mais suportável e harmoniosa, suavizar o trabalho e a fadiga, a dor, a enfermidade e a morte, numa palavra, submeter a si a terra (Gén. 1, 28).

Do mesmo modo, castigando Eva, Deus não a quis impedir e não impediu às mães de utilizar os meios apropriados para tornar o parto mais fácil e menos doloroso. As palavras da Escritura não é necessário buscar evasão, pois permanecem verdadeiras no sentido entendido e expresso pelo Criador: a maternidade dará muito que sofrer à mãe.

De que maneira precisa conceber Deus este castigo e como o executará? A própria Escritura o diz. Alguns pretendem que o parto foi nas suas origens completamente sem dor, e que se tornou doloroso mais tarde (talvez em consequência de uma interpretação errônea do Juízo de Deus) mercê da auto-sugestão, das associações arbitrarias, dos reflexos condicionados e, em consequência, do comportamento equívoco das parturientes; até aqui estas afirmações no seu conjunto não têm sido comprovadas. Por outro lado pode ser verdade que um incorrecto comportamento psíquico ou físico das parturientes seja susceptível de aumentar muito as dificuldades do parto e as tenha aumentado na realidade. A Ciência e a Técnica podem, pois, servir-se das conclusões da psicologia experimental, da fisiologia e da ginecologia (como no método psico-profilático) com o fim de eliminar as fontes de erros e os reflexos condicionados dolorosos, e de fazer que o parto seja o menos doloroso possível — isto é: a Escritura não o proíbe.»

Apaga-me os olhos: inda posso ver-te,  
tranca-me os ouvidos: inda posso ouvir-te,  
e sem pés posso ir ainda para ti,  
e sem boca posso ainda invocar-te.  
Quebra-me os braços e posso apertar-te  
com o coração como com a mão,  
tapa-me o coração, e o cérebro bastará,  
e se me deitares fogo ao cérebro  
hei-de continuar a trazer-te no sangue.

Rainer-Maria RILKE

## XADREZ

*Havia ainda as sardinheiras vermelhas a rirem de eu não ser elas...*

*Havia, sobretudo os olhos azuis da menina a acrescentar o céu...*

*Do outro lado da rua como se fora do outro lado de mim, a menina ia a embalar o mundo. O mistério da manhã andava a tomar forma nos seus braços e a boneca não era já uma boneca mas o que a menina lhe dera de si mesma.*

.....

*Da árvore caiu uma folha que ia à procura do tempo.*

*O velho no banco do jardim guardou-a nos olhos cansados e a folha não partiu. Ficou a escrever segredos para ele, no chão, a dançar com o vento.*

*E aquele homenzinho que passou, ia alegre como quem levasse um melero na algibeira do colete...*

.....

*Depois, veio a tarde e trouxe um par de namorados que ficaram a rir por terem dado as mãos.*

*O rapaz das castanhas continuou a rezar: Quentes e boas!!*

*Nos jornais da tarde ninguém leu as notícias de guerra e, quando passou a mulher da rua, todos viram que tinha vinte anos e nascera para ser mãe.*

.....

*Entraram todos no meu dia porque eram verdadeiros—e eu não entendi.*

*Depois, veio a morte e só houve estrelas a ferir o silêncio e eles a explicarem-me o segredo de todos os olhos e o mistério de todas as almas.*



## Talvez não saibas que...

... No próximo Congresso da Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas — organização internacional em que se encontra filiada a J.C.F. portuguesa — tomará parte uma delegação de Portugal bastante numerosa, de que participam várias jucistas. Este Congresso realizar-se-á em Roma, de 2 a 9 de Abril, sob o tema: «Vida espiritual num mundo dominado pela técnica». Do programa consta uma audiência especial que o Santo Padre concederá às congressistas.

... A «Union of Catholic Students», da Inglaterra, vai organizar, de 2 a 7 de Abril próximo, em Spode House — Staffordshire, uma semana de estudos, subordinada ao tema «A Igreja e a Ciência». A participação nos trabalhos está aberta a estudantes estrangeiros, e a Comissão organizadora da Semana manifestou directamente à JUCF o agrado com que veria a inscrição de universitárias portuguesas.

... A mesma Federação universitária inglesa promoverá, durante a primeira semana de Agosto, no norte de Inglaterra, um curso de férias, com o tema geral: «Nossa Senhora, a Mulher e a Sociedade».

... Também na Inglaterra, a «Newman Association», que agrupa os universitários católicos já diplomados, realizará um curso de férias no País de Gales, de 7 a 17 de Agosto, para estudar o tema: «A Igreja e as Nações».

— Encontra-se aberta para estrangeiros a inscrição em qualquer destes cursos promovidos pelas Federações universitárias católicas inglesas.

... O Instituto Católico de Paris vai realizar este ano, mais uma vez, os seus cursos universitários de verão, que decorrem de 4 a 31 de Julho. O tema geral será: «Conhecimento da França», e o programa inclui excursões a locais diversos e peregrinações a Domremy, Lisieux e Lourdes.

As inscrições terminam a 15 de Junho e podem ser enviadas — bem como quaisquer pedidos de informações — para: Mr. le Directeur des Cours Universitaires d'Été — Rue du Cherche-Midi, 23 - Paris VI.

... A instituição universitária da Serra Leoa — Fourah Bay College, em Freetown — conta

cerca de 4.000 estudantes, dos quais apenas trinta católicos; e possui a mais elevada percentagem de raparigas — cerca de 25% do total de estudantes que a frequentam — entre todas as Universidades de África.

... O «World University Service» (WUS) ou «Entr'aide Universitaire Mondiale» foi criado em 1950 — por iniciativa conjunta de «Pax Romana», da «Federação Universal das Associações Cristãs de Estudantes (protestante) e da «União Mundial dos Estudantes Judeus» — com o objectivo de «corresponder às necessidades fundamentais das Universidades e dos Institutos de ensino superior e seus membros, para que possam tornar-se comunidades autênticas e centros eficazes de vida nacional e internacional». O WUS — para cuja orientação continuam a contribuir as Organizações que o fundaram — «actua sem qualquer discriminação de raça, de nacionalidade ou de convicções religiosas e políticas». Possui comissões nacionais em numerosos países da Europa Ocidental, América do Norte, Ásia, África e Médio Oriente, e realiza os seus fins principalmente através de actividades de assistência mútua, tais como (programa para 1955-56): auxílio, por meio de bolsas de estudo, etc., aos estudantes refugiados e africanos; construção de lares e centros de assistência para universitários; subsídios para viagens de estudo; etc.

... A «Fundação Pio XII» foi criada em 1953 pelo Santo Padre, com o fim de promover e sustentar, com um auxílio material, as obras internacionais católicas de apostolado dos leigos, na sua tarefa de colaboração com a Hierarquia para o alargamento das fronteiras da Caridade para além dos limites das nações. Para o aumento do património da fundação, tem de contar-se com o auxílio de todos os católicos, tanto mais que circunstâncias diversas estão impondo responsabilidades cada vez maiores às obras católicas mundiais. Por isso, aproveitando a celebração do 80.º aniversário do Santo Padre, as comissões nacionais já estabelecidas nalguns países, bem como as grandes organizações católicas internacionais (cujo número oficial é, actualmente, superior a trinta), pensam lançar, em toda a parte, uma vasta campanha a favor da «Fundação Pio XII».



